

## A DANÇA E A HISTÓRIA NA CIDADE DE RIO GRANDE: A TRAJETÓRIA DE AUZENDA SEQUEIRA

MAIARA CRISTINA MORAES GONÇALVES<sup>1</sup>; LORENA ALMEIDA GILL<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – maiara.mgoncalves@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado “A Dança e a História na cidade de Rio Grande: a trajetória de Auzenda Sequeira” trata-se de um recorte do projeto de pesquisa que busca encontrar informações que propiciem uma reconstrução das primeiras manifestações de Dança no ambiente escolar no município de Rio Grande.

Enquanto professora-artista-pesquisadora do campo da Dança, aproximar minhas pesquisas ao meu universo de trabalho torna extremamente rico o meu fazer e também me impulsiona a querer aprofundar sempre mais. Acredito também na importância de realizar uma pesquisa que deixe um registro para minha cidade natal, já que sou rio-grandina.

Em 1954 a professora Auzenda Siqueira, já falecida, inaugurou, no salão da Boate Veterana do Sport Clube Rio Grande, a Escola de Ballet Auzenda Sequeira, que mais tarde passou a funcionar no prédio da Banda Rossini. Foi a segunda professora a difundir o ensino de balé clássico na cidade de Rio Grande. Também foi professora de Educação Física em escolas de ensino regular.

Este estudo procura reconstruir a história da Dança, colaborando com a memória histórica da cidade de Rio Grande. Segundo Bergson (1979, p.510-511) “somos tempo e memória, somos duração, o próprio tempo experimentado, subjetivamente. No entanto, não somos, apenas, memória psicológica, somos memória orgânica, registro ininterrupto da duração, todo o passado do organismo, sua hereditariedade, enfim, o conjunto de sua longuíssima história”.

A memória humana, apesar de se expressar, na maior parte das vezes, de forma individual, é possuidora de diversas faces e sentidos. Ela se inscreve na dinâmica multicultural da vida, de forma a tornar-se coletiva e plural, onde é possível encontrar as mais diversas recordações e lembranças. (DELGADO, 2010).

De acordo com Le Goff (1996), as memórias e conhecimentos não são apenas um fenômeno individual e psicológico, mas também um fenômeno social. A partir do exposto pode-se refletir que os lugares de memórias “cumprem a função de guardar marcas e traços do tempo vivido, bloquear os esquecimentos, transportar o passado para o presente que o remodela e lhe dá novos significados que são mutáveis” (NORA, 1993, p.13).

Assim, é através da narrativa obtida que será possível conhecer e interpretar o passado, na medida em que se busca preservar uma história, que serve de conhecimento, base e estímulo. Para conhecer o passado da professora Auzenda foi realizada uma entrevista com uma de suas alunas, Maria Izabel Llopart.

A quase inexistência de pesquisas que abordam essa temática foi um dos impulsos que me motivaram a propor um levantamento histórico. A Dança perante as outras áreas, como a História, ainda está “engatinhando” na questão de material bibliográfico. Portanto buscar na História, que é uma área muito mais consolidada, além de estreitar as relações entre as áreas, permite um olhar mais

aprofundado da questão. “Os profissionais de dança precisam definitivamente superar o que chamamos de analfabetismo teórico-reflexivo.” (STRAZZACAPPA; MORANDI, 2006, p. 20).

A problemática dessa pesquisa gira em torno de preservar a memória e a história de uma localidade, a fim de refletir sobre o entendimento do contexto da Dança na cidade de Rio Grande. Assim, o trabalho possui como objetivos: compreender quem era a professora Auzenda Sequeira; analisar o modo como a dança era praticada sob a orientação da Professora Auzenda; identificar o contexto social em que foram inseridas as primeiras manifestações da Dança na cidade de Rio Grande.

## 2. METODOLOGIA

A história oral é um caminho metodológico que se refere ao tipo de fontes, que nesse caso são os testemunhos orais e, portanto, deve ser aplicado tendo em vista que “os documentos convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada prezados pelos documentos formalizados” (MEIHY, 2011, p.197).

Para Bosi (1994) a linguagem é o instrumento socializador da memória, pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes. Já Le Goff (1996) define que a linguagem é um produto da sociedade. A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória (LE GOFF, 1996, p. 425).

Para esse trabalho foi realizada uma entrevista de história oral temática. Conforme Freitas (2006) esse tipo de história oral tem característica de depoimento. Essa proposta não abrange, necessariamente, a totalidade da existência do informante.

Alberti (2005) defende a elaboração criteriosa das questões das entrevistas e a seleção clara e objetiva dos sujeitos que participarão. A escolha pela depoente que serviu de aporte para a realização desse trabalho se deu por ela ter sido uma das alunas do corpo de baile principal da professora Auzenda.

No dia 13 de julho de 2016 foi realizada a entrevista com Maria Izabel Llopart, que aconteceu na casa da entrevistada, e teve duração de quarenta minutos e trinta e oito segundos. Foram utilizados dois equipamentos para recurso de gravação, o celular que registrou o áudio da entrevista e o computador que foi utilizado para filmar a entrevista.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já dito, esse é apenas um recorte de minha dissertação que ainda se encontra em fase inicial. Todavia, através do depoimento da Maria Izabel Llopart foi possível pontuar algumas observações que levam ao conhecimento das primeiras manifestações da Dança na cidade de Rio Grande.

A entrevistada contou que teve aulas com a Professora Auzenda em sua *Escola de Ballet* desde 1953 e que, nessa época, ela tinha apenas sete anos de idade. Portanto vale ressaltar que são memórias de sua infância e adolescência.

Em diversos momentos da entrevista ela destaca o amadorismo do trabalho que era realizado por Auzenda, embora único na cidade durante aquele período. Inclusive afirma que os figurinos eram feitos em casa pelas próprias mães e também pelas empregadas domésticas. Afirma que as pessoas acreditavam que a Arte não “dava futuro” e que por conta disso talvez a

professora Auzenda tenha se dedicado ao ensino e não tenha seguido carreira como bailarina.

Adoto a hipótese de que o balé teve seu início na corte francesa, por volta dos séculos XVI e XVII e surgiu através das danças de corte que eram dançadas para a rainha. O rei Luis XIV de França, conhecido como rei Sol, foi um dos grandes “inventores” do balé de corte, como foi chamado no princípio. Desde então, o balé segue ao longo dos tempos como uma técnica codificada. É uma técnica que ainda está bastante amarrada a questões como uma disciplina excessiva, com repetições até chegar à perfeição e ao virtuosismo. Muitas vezes são vistos métodos e metodologias sendo usados como receitas de bolo, sem ser levado em consideração o contexto do aluno. “Pelo fato do balé ter uma metodologia rígida e sistematizada, inúmeras vezes, os professores se tornam rígidos demais.” (AGOSTINI, 2010, p.151). Em seu relato Maria Izabel diz que a professora Auzenda era “rígida e terrível em dia de apresentações”, e conta também que as alunas sofriam “agressões verbais” por parte da professora. Embora a rigidez, Maria Izabel relata que não havia cobrança em relação ao estereótipo de corpo ideal para o balé.

De acordo com relatos informais de outras pessoas a professora Auzenda que realizou sua graduação em Educação Física, foi professora de escolas de ensino regular em Rio Grande. Porém a entrevistada relata que não foi aluna da Professora Auzenda na escola e nem relatou experiências com Dança na escola.

O balé é uma técnica que tem sua existência marcada por diversas discussões sobre questões de gênero. Maria Izabel Llopart dá ênfase ao relatar que se dançava balé para menina desenvolver a feminilidade e “estar pronta” para casar. Conta também que no período que dançou não havia homens dançando balé na cidade de Rio Grande.

Estudar as primeiras manifestações da Dança em Rio Grande significa também compreender como se davam as relações entre a elite e os grupos subalternos. A elite riograndina não é diferente das outras, e de acordo com Pelissari (2012) é um termo empregado no sentido amplo e descritivo, que normalmente faz referência a pessoas ou grupos que parecem ocupar o “topo”, os “privilegiados” ou “abastados”. A autora ainda indica que esse poder é devido à combinação de fatores como a riqueza, a ocupação, o status social e a posição política e, muitas vezes, não dizem respeito a um capital material.

No trecho a seguir é possível notar o quanto já se citava a Arte fazendo parte do grupo das elites, e dos nobres:

A arte da dança sempre foi reconhecida como uma das artes mais honestas e necessárias para formar o corpo e para lhe dar as primeiras e naturais disposições para todas as espécies de exercícios, entre os quais os das armas, sendo por conseguinte uma das mais vantajosas e úteis à nossa nobreza e às outras pessoas que têm a honra de nos servir, não só em tempo de guerra, mas também em tempo de paz, nos nossos ballets... desejamos restabelecer a referida arte na sua perfeição e aumentá-la tanto quanto possível. (PORTINARI, 1989, p. 66).

Cabe ressaltar que inicialmente a Dança era acessível para os grupos da elite rio-grandina como se pode notar no trecho de Pelissari (2012, p. 92) “Nas residências de pessoas da alta sociedade rio-grandina aconteciam momentos artísticos. As pessoas se reuniam para apresentações de piano, canto, dança teatro, para declamação de poesias, sendo os “artistas” os próprios convidados, os quais exibiam suas habilidades.” A Dança contemplava especialmente a elite

da cidade de Rio Grande e dava status às famílias que mantinham suas meninas frequentando aulas de balé. Como pode ser visto no trabalho de Pelissari (2012), após as apresentações as famílias expunham nas colunas sociais dos jornais da época (meados dos anos 50) o sucesso de suas bailarinas. A entrevistada acredita que a Dança naquele período não era acessível para todos, e ressalta que não lembra haver alunos bolsistas na *Escola de Ballet Auzenda Sequeira*. Além disso, conta que se apresentavam em eventos beneficentes em clubes frequentados pela elite rio-grandina, chamados por ela “clubes finos”, em apresentações para as “senhoras da sociedade”.

Durante o depoimento ela demonstra pesar e indignação ao destacar o fechamento de importantes teatros, e salienta que a cultura é muito “pobre” na cidade de Rio Grande.

Ao final da entrevista Maria Izabel relata sua volta aos palcos, já na idade madura, quando passou a fazer parte do Baila Cassino Grupo de Dança Livre. Vale ressaltar que ela emocionou-se ao término da entrevista.

#### 4. CONCLUSÕES

As contribuições de Maria Izabel Llopart como fonte oral desse trabalho foram essenciais para conhecer um pouco da trajetória da professora Auzenda. Auxiliando, dessa forma, a compreender o contexto em que se inseriram as primeiras manifestações de Dança na cidade de Rio Grande.

Creio que desenvolver uma pesquisa em História é embrenhar-se em um universo plural, em que os significados são produzidos pelos sujeitos e suas memórias. E compreender o surgimento das primeiras manifestações da Dança na cidade de Rio Grande requer uma postura conceitual e metodológica, capaz de capturar essa história.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINI, B. R. **Ballet Clássico: Preparação física, aspectos cinesiológicos, metodologia e desenvolvimento motor**. 1. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2010.
- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINNSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- FREITAS, S. M. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2011.
- NORA, P. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História, 1993.
- PELISSARI, M. **A “mais fina sociedade riograndina” e suas representações: A vida social da elite de Rio Grande – RS (1956 – 1960)**. 2012. 201f. Dissertação (Mestrado em História) - Porto Alegre, 2012.
- PORTINARI, Maribel. **História da dança**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- STRAZZACAPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a Arte e a docência: a formação do artista da Dança**. Campinas: Papirus, 2006.